

## A REVOLUÇÃO DOS GUERRILHEIROS EM CUBA: UM ESTUDO DE GÊNERO E IMAGENS

**Andréa Mazurok Schactae**

Instituto Federal do Paraná/

Universidade Estadual de Ponta Grossa

E-mail: [aschactae@gmail.com](mailto:aschactae@gmail.com)

### Resumo

O texto apresenta uma análise de gênero sobre a Revolução Cubana, presente em um livro didático utilizado nas escolas em Cuba. Para as reflexões foram selecionadas algumas das quarenta e cinco (45) imagens de homens e mulheres, presentes nos capítulos destinados a apresentar uma história da Revolução de meados do século XX. A partir da orientação dos estudos sobre a utilização das imagens como fontes históricas e da categoria gênero, bem como dos conceitos de representações e de masculinidade hegemônica, as fontes foram selecionadas e analisadas. As imagens presentes no texto foram escolhidas pelas temáticas (homens, mulheres e guerrilheiros/as) e pela qualidade das imagens, bem como, por serem significativas para o conjunto selecionado. É importante destacar que em Cuba não existe um mercado editorial de material didático e o Ministério da Educação é responsável pela publicação dos livros didáticos, os quais são distribuídos para os estudantes e as estudantes de todo o país. O livro escolhido é destinado ao nível escolar correspondente ao ensino médio no Brasil.

**Palavras-Chave:** livro didático e imagens; masculinidade; Revolução Cubana e gênero.

## LA REVOLUCIÓN DE LOS GUERRILLEROS EM CUBA: UN ESTUDIO DE GÉNERO Y IMÁGENES

### Resumen

El texto presenta un análisis de género de la Revolución Cubana, presente en un libro de texto utilizado en las escuelas de Cuba. Para las reflexiones se seleccionaron algunas de las cuarenta y cinco (45) imágenes de hombres y mujeres, presentes en los capítulos destinados a presentar una historia de la Revolución de mediados del siglo XX. A partir de la orientación de estudios sobre el uso de la imagen como fuente histórica y la categoría de género, así como de los

conceitos de representações e masculinidade hegemônica, se selecionaram e analisaram as fontes. As imagens presentes no texto foram escolhidas em função da temática (homens, mulheres e guerrilheiros) e a qualidade das imagens, assim como porque são significativas para o grupo selecionado. É importante ressaltar que em Cuba não existe um mercado editorial de materiais didáticos e o Ministério da Educação é o responsável por editar os livros de texto, os quais são distribuídos para os estudantes de todo o país. O livro escolhido está destinado ao nível escolar correspondente à secundária no Brasil.

**Palavras chave:** Livro escolar e imagens. Masculinidade; Revolução Cubana e gênero.

### **Introdução: um olhar para a fonte e a teoria<sup>1</sup>**

Já realizei análises da Revolução Cubana, em uma perspectiva de gênero, em livros didáticos de história, produzidos no Brasil. Agora voltei o olhar para o material didático utilizado em Cuba, o qual é publicado pelo Estado Cubano e destinado aos estudantes do pré-universitário, o qual corresponde ao ensino médio, no Brasil. O livro didático selecionado foi produzido no início do século XXI e segue sendo utilizado nas escolas cubanas.

Vale destacar que, o Brasil e Cuba possuem políticas públicas de distribuição de livros didáticos para as escolas públicas. As diferenças entre Brasil e Cuba são que: em Cuba, todas as escolas são públicas, enquanto no Brasil existem escolas privadas; os livros didáticos cubanos são produzidos pelo Estado, porém no Brasil a produção fica destinada ao mercado editorial (Porto, 2019).

Também é importante destacar as proximidades históricas entre Brasil e Cuba, na longa duração: os dois estados se constituem a partir de colônias europeias, estabelecidas no século XVI; em ambas as colônias a base da economia e a organização social e cultural são fundadas na escravização de nativos e povos africanos, bem como, na monocultura de cana-de-açúcar e a produção de açúcar para o mercado europeu. Também foram os últimos países a abolir a escravização, no final do século XIX. As heranças africanas e as europeias constituem realidades culturais nessas antigas colônias (religiosidade, música, alimentação, relações de gênero, ditos populares etc.), no passado e nos dias atuais. No século XX, destacam-se as

---

<sup>1</sup> O texto é parte do estágio de Pós-doutorado, em andamento, no ano de 2024, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), na linha de pesquisa Instituições e Sujeitos: saberes e práticas, sob a supervisão da Professora Dra. Georgiane G. H. Vazquez.

relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, após o término da luta armada em Cuba (1954-1959), fato que permite ao governo brasileiro condecorar Ernesto Che Guevara, no início dos anos de 1960.

As heranças culturais e as políticas públicas de livro didático, bem como, o desejo de dar continuidade as reflexões sobre os estudos de gênero e a Revolução Cubana, iniciados no ano de 2010, direcionaram o olhar para a seleção da fonte histórica: um livro didático distribuído em Cuba, destinado ao ensino pré-universitário. O livro *História de Cuba, nivel medio superior*, é uma segunda edição, publicado no ano 2011 e escrito pelas autoras Susana Callejas Opisso e Francisca López Civeira, e pelos autores Oscar Loyola Veja, Horacio Díaz Pendás e José A. Rodríguez Ben. Vale destacar, que essa edição é utilizada nas escolas de Cuba, na década de 30 do século XXI. Portanto, é uma fonte significativa para a construção de uma análise de gênero sobre a História da Revolução Cubana, destinada as jovens e aos jovens estudantes cubanos.

Percebendo as escolas, como espaços sociais constituídos por relações generificadas, esses espaços orientam a produção e reprodução dessas relações, pois funcionam como instrumento pedagógico. Sendo assim os discursos historiográficos e os livros didáticos de história são generificados. São construções que orientam o estabelecimento de práticas e representações, bem como, identidades. Portanto, são parte dos processos de estabelecimento de um “saber a respeito das diferenças sexuais” (Scott, 1994, p. 12).

Voltando o olhar para o livro didático como construtor de sentido e pensando nas proximidades históricas entre Brasil e Cuba, estabeleço como recorte de análise a Revolução Cubana. Conforme destacam Itamar Oliveira e Margarida Oliveira (2014), coerente com o valor atribuído ao ensino de História (enraizado na matriz disciplinar – objeto da sua teoria da História), o livro didático é visto como instrumento fundamental para a vida escolar, já que atua, diretamente, na construção do sentido (orientação no tempo) (Oliveira, 2014, p. 227).

Herdeiros e orientadores das construções de práticas e representações, os livros didáticos se constituem orientadores de práticas culturais que definem o lugar dos sujeitos na ordem social, conforme destaca Michel Foucault (1988), o poder disciplinar visa moldar os corpos e ao estabelecer um currículo único. Além do mais, conforme destaca Guacira Louro (1997), a escola sempre teve a função de construir a distinção, um espaço de fabricação de sujeitos

generificados. “Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores (Louro, 1997, p. 64)”. Portanto, o livro didático, desde o século XIX, estabelece a cultura do “o ensino simultâneo, pelo qual o mesmo professor ensina a mesma disciplina para muitos alunos, ao mesmo tempo” (Munakata, 2016, p. 135), contribuindo para construção de um padrão e de distinções. Portanto, a escolha da fonte permite uma análise de gênero a partir das imagens que constituem uma representação sobre a Revolução Cubana.

As imagens são analisadas a partir da categoria gênero (Scott, 1995), dialogando com os conceitos de representações (Chartier, 1990; 1991) e masculinidade hegemônica (R. Connell; Messerschmidt, 2005; R. Connell, 1997; 2005). Vale destacar que a análise é orientada pelas reflexões de autores e autoras que utilizam imagens como fonte histórica (Kossoy, 2001; Mauad, 1996; Stancik, 2014; 2015; Burke, 2004).

Nos estudos de imagens é importante observar as inscrições que algumas imagens trazem, pois o objetivo desses textos escritos é direcionar a leitura do/a espectador/a (Burke, 2004, p. 223). Nos esforços de compreender as imagens, P. Burke (2004) concorda com Maria Mauad (1996), que é uma tarefa que exige um diálogo transdisciplinar, que recebeu a influência da sociologia, da história da arte, da antropologia, da filosofia etc. e, conforme destaca o autor, esse diálogo é enriquecido com as análises de gênero (Burke, 2004, p. 226). E ao se focar no estudo dos significados em relação ao contexto, as visões dos contemporâneos da imagem e as entrelinhas (Burke, 2004, p. 236 -238). Portanto, não há uma receita ou um método certo para os estudos da história a partir de imagens.

Para Clifford Geertz, o sentido de uma imagem é resultado das “experiências coletivas” (Geertz, 2006, p. 165), que é a cultura. Para o autor o estudo das imagens é uma compreensão dos símbolos que produzem o cotidiano de seres humanos, isto é o contexto no qual foram produzidas (Geertz, 2006, p. 179-181). Portanto, as imagens são formas de representação.

Para R. Chartier representações são formas de percepção do social que produzem discursos e práticas que buscam legitimar ou justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. Elas são determinadas pelo grupo que as forjou, o que resulta em diferentes representações, que estão relacionadas a uma multiplicidade de práticas que resultam na

construção de mundos sociais e identidades (1990, p. 17-18). Segundo ele, o estudo das representações

permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (Chartier, 1990, p. 23).

Considerando que as imagens dos livros didáticos, também são construções discursivas, o objetivo é analisar as imagens como construtoras de uma representação da Revolução Cubana, que tende a orientar a construção de símbolos, memórias, práticas, realidades sociais e identidades. O livro didático de história, produzido pelo Estado Cubano, no início do século XXI, apresenta uma narrativa que constrói uma história da Revolução Cubana com finalidade pedagógica. O foco é observar as representações generificadas que constituem a narrativa presente nas imagens.

Ainda está em aberto à construção de uma reflexão sobre como Revolução Cubana está representada nos livros didáticos, produzidos em Cuba, utilizando como ferramenta de análise a categoria gênero. Considerando que os manuais didáticos orientam a construção de uma consciência histórica (Rusen, 2010), é fundamental uma reflexão sobre os discursos generificados presentes nos manuais didáticos de ensino de História. Essas construções orientam os agentes nas tomadas de posição nos espaços sociais (escola, família, partido, etc.), bem como, na construção da memória coletiva e dos espaços de memória (praças, monumentos, cerimônias, etc.).

Gênero é uma ferramenta de análise que objetiva romper com os estudos separados e problematizar os discursos, as imagens, os símbolos, a política, as instituições, como constituintes de relações sociais. Ainda de acordo com Scott (1995), as construções das relações sociais devem ser analisadas com base nos significados construídos sobre as diferenças sexuais (Scott, 1995, p. 86). Esses significados estão nos símbolos; nos discursos; nas práticas e nas representações; nas identidades; nos espaços sociais. Ao orientar a construção os espaços sociais, portanto gênero também dá significado as relações de poder (Scott, 1995, p. 88).

Portanto, a história como saber também é constituída pelo gênero, orientando a construção de representações sobre as realidades e práticas sociais, bem como símbolos e imagens.

No início do século XXI, são publicados os primeiros estudos historiográficos sobre a Revolução Cubana, a partir de uma perspectiva de gênero. Entre os primeiros escritos, está o estudo de Abel Sierra Madero (2006) sobre a sexualidade na construção da nação cubana, no qual o autor analisa os discursos do século XIX e do século XX, destacando que, nos anos de 1960 e 1970, o texto *homem novo*, de Ernesto Guevara, publicado em 1965, foi uma referência para construção de uma masculinidade nacional heteronormativa. Entre os estudos recentes, estão as reflexões sobre as heroínas e o estado patriarcal cubano de Lynn Stoner (2003), o livro de Lorraine Bayard de Volo (2018) e a publicação da *Radical History Review*, no ano de 2020. O livro é um estudo da Revolução Cubana, a qual ela identifica como uma insurreição, a partir de uma análise de gênero (Volo, 2018), e a coletânea de textos, publicados na *Radical History Review*, apresentam novos olhares sobre a Revolução Cubana a partir das categorias sexualidade e gênero, problematizando o internacionalismo cubano, o transnacionalismo, a nova esquerda, movimentos anticoloniais e as influências da Revolução Cubana nos contextos atuais (Chase; Cosse, 2020). Entre os estudos realizados no Brasil, estão os estudos de Andréa M. Schactae (2013; 2016; 2020) sobre o ideal de feminino, construído pela Revolução Cubana, e presentes nas publicações do Estado Cubano sobre o *Pelotón Mariana Grajales* e a heroína Celia Sánchez, e de Igor M. Pereira (2014) que aborda a identidade nacional em uma perspectiva de gênero.

### **Imagens generificadas da Revolução Cubana: um olhar sobre um livro didático**

Os livros didáticos, em Cuba, são produzidos pelo Estado e estão disponíveis na página do Ministério da Educação de Cuba (<https://www.mined.gob.cu/>). Também são impressos e distribuídos para os e as estudantes dos diferentes níveis de ensino. O livro escolhido é destinado ao nível escolar correspondente ao ensino médio brasileiro. Observa-se que existem três livros didáticos de História, destinado ao pré-universitário, um sobre história contemporânea, um sobre história da América e um sobre a história de Cuba.

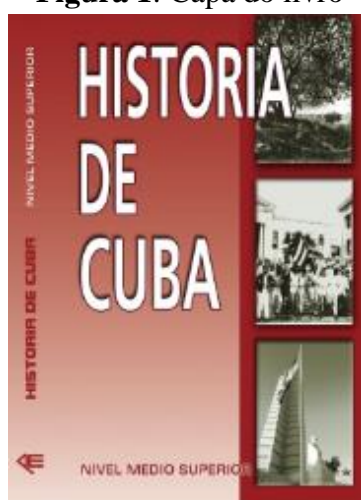
O livro *História de Cuba, nível medio superior* (Callejas Opisso, 2011) é constituído por capítulos com textos escritos, imagens (fotografias, desenhos etc.) e mapas. Este possui uma diagramação simples, com foco nos textos escritos, pois é composto de quatrocentas e setenta

(470) páginas. Os capítulos sobre a Revolução Cubana (1954-1959), são dois e constituídos por duzentas (200) páginas, com cinquenta e quatro (54) imagens – todas em preto e branco –, mapas e atividades. Vale informar que, todas as atividades são questões dissertativas.

A narrativa da história de Cuba, presente na obra, é constituída pela ideia da Revolução como uma herança de longa duração. No texto inicial, voltado para os estudantes e para as estudantes, estão descritos os objetivos da obra, entre os quais estão: “*Que la Revolución Cubana es una sola como proceso histórico desde 1868 hasta nuestros días; La necesidad histórica del socialismo y la labor desempeñada en la lucha por su realización por el liderazgo revolucionario, en particular, el del compañero Fidel*” (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, 2011). Essa construção narrativa, que significa esse processo histórico, também está presente em produções historiográficas que circulam em Cuba e no Brasil, no início do século XXI (Chomsky, 2015; Fernandes, 2012; Ayerbe, 2004; López; Loyola; Silva, 2005; López Segrera, 2012; Norman Acosta, 2005; Suárez Pérez, Caner Román, 2006).

No texto de apresentação, o qual não é paginado, o Ministério da Educação define os objetivos dos estudos da História de Cuba, entre os quais se destacam a ideia de um processo revolucionário contínuo, iniciado no século XIX e permanente até atualidade, bem como, destaca a figura de Fidel Castro, como um personagem significativo para a História de Cuba. Diante destas ideias que norteiam a construção de uma História de Cuba, voltada para os e as jovens de Cuba, surge a seguinte indagação: como as imagens presentes na obra apresentam uma representação da Revolução Cubana?

**Figura 1:** Capa do livro



Fonte: Callejas Opisso, 2011

A existência do nome de Fidel, na abertura do livro, é um indicativo do caráter generificado da história ensinada nas escolas. Historicamente o Estado e as suas organizações de poder, são espaços construído como pertencentes aos homens. Os seus símbolos e suas práticas são constituídos para se tornarem identificadores de masculinidades. Os heróis tendem a serem homens que pertenceram a instituições armadas e participaram de conflitos armados, e são constituídos em símbolos identificadores do Estado. Os uniformes das instituições armadas e as armas, são identificadores de um ideal de masculinidade caracterizado pela violência, pela força, pela coragem e pela honra. Valores construídos historicamente e expressos em imagens, práticas, símbolos e leis que organizam e identificam o Estado e suas instituições.

A apresentação do livro, construída pelo Ministério da Educação de Cuba, indica uma tendência a reproduzir uma narrativa de um Estado orientada por um ideal de masculinidade. Sendo assim, os homens e as armas são o centro da construção da História de Cuba. Considerando essa tendência surgem outras questões: qual é o ideal de masculinidade apresentado pelas imagens, sobre a Revolução Cubana? Qual o ideal de feminilidade presentes nas imagens das revolucionárias? Essas são questões que norteiam o olhar para as imagens que compõem os dois capítulos finais do livro.

Os capítulos selecionados constituem uma história do movimento revolucionário dos anos de 1950, com a finalidade didática. Algumas das imagens são fotografias outras são desenhos, possivelmente inspirados em fotografias. A qualidade de algumas imagens é ruim, falta nitidez e fica difícil reconhecer as pessoas fotografadas. O quadro, seguinte permite ver os temas das imagens.

**Quadro 1:** Temas das imagens

Tema	Número
Homens	38
Mulheres	07
Outros (multidão, objetos etc.)	09
Total	54

Fonte: Callejas Opisso, 2011



Como está posta na apresentação da obra, a narrativa sobre a Revolução Cubana foi construída como uma continuidade dos movimentos de independência do século XIX. Ao longo das duzentas páginas que compõem os capítulos selecionados: *Cuba entre 1953 y 1958*. “*Dictadura, resistencia y revolución?*” (Callejas Opisso, 2011, p. 257) e “*La Revolución Cubana en el poder*” (Callejas Opisso, 2011, p. 311), observamos que de um total de cinquenta e quatro (54) imagens. A maioria são imagens de homens e correspondem ao número de trinta e oito (38) imagens, cujas vestimentas se destacam como características que constituem um ideal de masculinidade hegemônica. Esse ideal apresenta uma percepção de que a Revolução Cubana e, portanto, a história da construção do Estado Cubano é construída principalmente por homens usando terno e vestimentas militares. Para demonstrar o domínio masculino e o silenciamento das mulheres guerrilheiras, foram selecionadas algumas imagens para apresentar no texto, considerando a qualidade gráfica e as características simbólicas – entre os quais as vestimentas, as armas e fatos históricos – das fotografias de homens, mulheres, guerrilheiros e guerrilheiras.

**Figura 2** – Jovem de terno



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 261.

A figura 2 é a primeira imagem do capítulo, *Cuba entre 1953 y 1958*. “*Dictadura, resistencia y revolución?*” (Callejas Opisso, 2011, p. 257), e tem como legenda o nome Abel Santamaria. Esse jovem participou do ataque ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953 e é um dos líderes do movimento de estudantes, organizado em Havana, no início dos anos de 1950, contra a ditadura de Fulgencio Batistas (ditadura de 1952 até 1959). A imagem de um jovem homem branco, usando terno, líder de um movimento estudantil é indicativa de uma das características da masculinidade hegemônica que caracteriza a Revolução Cubana. Os elementos simbólicos

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 18, n. 34, jan. - jun. 2024*  
ISSN: 1982 -193X

identificadores do poder masculino, nos anos de 1950 no Ocidente, estão presentes: a vestimenta – símbolo do poder masculino a partir do século XIX –, a juventude, a pele branca, os cabelos curtos e bem penteados. Ele representa a imagem do bom moço, bem comportado e viril, de meados do século XX, na cultura masculina Ocidental.

A juventude masculina, a heterossexualidade e o poder político são características importante para construção da masculinidade hegemônica, que constitui a Revolução Cubana, do livro didático e da historiografia. Outras características são a guerra e a imagem do guerrilheiro, as quais também orientam as construções da história da revolução. Para Abel Sierra Madero (2005) a historiografia cubana, tende a explicar os processos históricos focando na guerra, além do que esse espaço e suas práticas são percebidos como pertencentes ao masculino. Portanto, para o pesquisador, os estudos da História de Cuba, sobre a perspectiva da guerra, reforçam um modelo de cubania heterossexual, patriarcal, sexista e homofóbico (Sierra Madero, 2005, p. 68). Sendo assim,

La sexualidad como constructo sociohistórico-cultural tiene momentos determinantes, constitutivos, fundacionales. Momentos en que proliferan discursos destinados a elaborar modelos de comportamiento socio-sexual, y a diseñar sujetos sexuados, modos de vida y mentalidades que se desean para el país, que regulen los procesos de reproducción y movilidad social, que garanticen a largo plazo la estabilidad de los grupos y la ideología predominante (Sierra Madero, 2005, p. 68-69).

Em Cuba e em outros lugares do Ocidente, entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, está se construindo uma nação-sexuada imaginada, os Estados Nacionais silenciam as mulheres e colocam os homens heterossexuais no domínio do lugar público (Corbin, 2013; Sierra Madero, 2005; Páges, 2002). Os mambises que lutaram pela independência de Cuba, do domínio espanhol, são representados na historiografia como heróis e homens heterossexuais (Sierra Madero, 2005, p. 85).

### **Figura 3:** Homens com vestimentas militares e armas



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 286.

A foto de guerrilheiros na Sierra Maestra (figura 5), cuja legenda os nomeia como combatentes da Sierra Maestra, coloca Fidel Castro no centro da imagem, mais alto que os demais homens, indicando que ele ocupava um espaço de poder e domínio. Uma imagem que representa o poder dos homens jovens na construção da Revolução Cubana. O texto não apresenta informações sobre a data da fotografia, porém indica que o ano é 1957 e a coloca como uma imagem da consolidação do Movimento 26 de Julho. Portanto, é uma representação dessa organização como um lugar de homens, fardados, armados e aparentemente brancos, com exceção, de um jovem negro que ocupa o lugar de menor poder simbólico, na composição da cena. Ele está à esquerda de Fidel Castro, na parte de baixo e aparece sem arma, embora use um símbolo do comando da guerrilha, a boina. Vale destacar que as armas são símbolos de uma masculinidade hegemônica identificadora da Revolução Cubana, representam a virilidade fálica e do poder dos homens. Outros símbolos que estão visíveis são a vestimenta militar e a barba, os quais foram constituídos também como características da masculinidade hegemônica identificadora do guerrilheiro da Revolução Cubana.

Voltando o olhar para a construção dos símbolos nacionais, no Ocidente, observa-se que os heróis, tendem a serem símbolos vinculados a masculinidade viril (Girardet, 1987). Constituem-se em representações de um ideal de hombridade caracterizado pelas ideais de força, coragem, valentia, combate e honra (Schactae, 2013; Bonino, 2002; Stoner, 2003). O livro didático, em foco, tende a reproduzir essa construção histórica. Apresentando Fidel Castro como o herói da Revolução Cubana.

Historicamente o alto é um lugar sagrado, onde moram os deuses, portanto é o lugar daqueles que são detentores de poder, assim como a guerra é um espaço sagrado do masculino (Hertz, 1980, p. 106-107). Portanto, a guerra e os lugares altos, são espaços de poder. No Ocidente os lugares sagrados foram constituídos como lugares de poder dos homens e as mulheres tendem a serem excluídas deles (Bourdieu, 2007).

Nas imagens Fidel Castro é apresentado em posição de poder e com símbolos de poder político e de masculinidade hegemônica. Ao longo dos capítulos são identificadas treze (13) imagens dele, somente em três, ele está com vestimentas civis. Elas estão no capítulo cinco (5), que narra o início do processo que produziu o movimento guerrilheiro e o Exército Rebelde. Nas outras imagens ele está usando vestimenta militar.

A primeira fotografia (figura 4), é uma referência ao ataque ao Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, em 26 de julho de 1953. Fato que foi constituído no marco inicial da Revolução Cubana e do qual participaram duas mulheres: Haydée Santamaria e Melba Hernández. Os sobreviventes foram presos, entre eles Fidel Castro e as duas mulheres. A imagens de José Martí ao fundo e no alto permite uma construção narrativa que vincula os ideais do movimento, liderado por Fidel Castro e Abel Santamaria, como uma continuidade dos ideais libertadores do herói Martí, uma liderança intelectual do movimento de independência de Cuba, no século XIX. Essa é uma imagem significativa para a legitimidade do movimento e de Fidel Castro.

**Figura 4:** Fidel com vestes civis



Fonte: Callejas Opiiso, 2011, p. 263, 270, 275.

A imagem do centro (figura 4) é uma representação da liberdade. O grupo sai da prisão e segue para o exílio no México. Os braços levantados e Fidel Castro, em primeiro plano, são elementos da imagem que remetem as ideias de liberdade e da liderança de Fidel Castro. A legenda confirma essa construção do líder, ao afirmar: “*Fidel y sus compañeros saliendo de la prisión*” (Callejas Opisso, 2011, p. 270). Os companheiros não são nomeados, portanto o foco está na legitimação do líder. O lugar que ocupa, na imagem, também o projeto como aquele que guia o grupo.

A terceira fotografia (figura 4), cuja legenda indica ser uma imagem do exílio, no México. Fidel Castro está no centro, novamente em um lugar indicativo de poder. Os lugares ocupados pelas pessoas, na cena, é uma construção simbólica que legitima e estabelece relações de poder. Conforme destaca P. Bourdieu (1998, 2007), o poder simbólico se revela na posição ocupada pelos agentes, portanto presença de José A. Echeverría e René Anillo. Echeverría, ocupava o cargo de presidente da Federação de Estudantes Universitários, morreu em 13 de março de 1957, e Anillo, que também figurava entre os líderes do movimento de estudantes, em Cuba, são agentes que ocupam espaços de poder e constituem a legitimidade e a liderança de Fidel Castro. Essas imagens projetam homens brancos como lideranças de um movimento que se iniciou civil, mas que ao longo do processo se tornou militar, reafirmando um ideal de masculinidade Ocidental.

Em seus estudos sobre masculinidade hegemônica, R. Connell (1997; 2005; 2013), observa que o Estado e as instituições armadas possuem um aparato simbólico identificador de um ideal de masculinidade. Um modelo que não é fixo e nem imutável, mas está vinculado a posições de poder e tende a ser reproduzido, o qual é constituído por características que relacionam heranças culturais históricas e adaptações necessárias ao presente e aos diferentes contextos históricos. A força, coragem, bravura, liderança, combatividade, lealdade e heterossexualidade, são algumas características identificadoras de masculinidade hegemônica, as quais tendem a ser constitutivas das representações dos líderes e dos heróis.

A vestimenta militar e as armas são construções simbólicas do poder masculino e viril. A força, a coragem, a honra e violência, historicamente são definidores de um ideal de masculinidade e de poder, vinculados ao Estado. Apenas uma fotografia apresenta uma mulher, junto dos guerrilheiros. Porém a sua vestimenta é diferente dos homens e não é possível definir se é um uniforme militar. A legenda também não a coloca como guerrilheira, ao afirmar: “*Combatientes*

*en la sierra junto a Celia y Fidel*” (Callejas Opisso, 2011, p. 290). A presença de Celia Sánchez na imagem (figura 5) e ocupando um espaço de poder, no centro, junto com Fidel Castro indica a importância dela na História da Revolução Cubana, narrada no material didático. O fato dela ser nomeada antes de Fidel Castro, é mais um indicativo do poder simbólico atribuído a ela, ou melhor, conquistado por ela. Porém, a seleção da imagem, retirou dela os símbolos da virilidade guerrilheira, a vestimenta e a arma.

**Figura 5:** Fotografia da Guerrilha



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 290.

A virilidade, para Alain Corbin (2013) e Jean-Jacques Courtine (2013) é um ideal, de modo que as qualidades que determinam o que é viril são reconstruídas ao longo do tempo. O ideal viril de uma sociedade militar é diferente daquele de uma sociedade mercantil, porém ambos são marcados por valores como coragem, força e domínio sexual. Portanto, a virilidade é “o conjunto de papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também o feminino e não pode se reproduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia virial aparecer como pertencente à ordem natural e inelutável das coisas” (Courtine, 2013, p. 8). A virilidade, isto é, as características identificadoras do viril, em diferentes momentos históricos, orientam a invenção dos heróis e de algumas heroínas, legitimando ideais de masculinidade e de feminilidade. Em duas imagens símbolos da virilidade, são apropriados pelas mulheres. No entanto as mulheres que estão nas cenas não são nomeadas.

Observando as imagens da figura seis (figura 6), identifica-se que apenas os homens foram nomeados. A imagem a esquerda, apenas Raul Castro foi nomeado, a guerrilheira Vilma Espín, que aparece ao seu lado, vestindo o uniforme do Exército Rebelde, é silenciada, assim como os demais guerrilheiros. Na imagem a direita, novamente dois homens são nomeados, Camilo Cienfuegos e Ernesto Che Guevara, o outro guerrilheiro foi silenciado. Três homens nomeados usam uniforme e a boina, símbolo de comandante no Exército Rebelde, mas também aparecem outros símbolos que passaram a compor a representação do guerrilheiro, a barba e o charuto. O poder simbólico do nome é destinado a alguns homens, os quais foram constituídos como líderes da Revolução Cubana.

**Figura 6:** Símbolos da virilidade guerrilheira



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 296, 298

Outros elementos simbólicos significativos nas imagens, são os identificadores da virilidade e poder da guerrilha: a vestimenta, a barba e o charuto. Ao observar a construção do herói Che, esses símbolos são significativos (Schactae, 2022).

A construção simbólica do feminino, construída pelas imagens das mulheres, tendem a se constituir como legitimadoras de um ideal de feminilidade, que historicamente é voltada para o cuidado e para os espaços percebidos como não pertencentes a masculinidade viril, o espaço do privado. Portanto, as imagens lembram uma representação da maternidade e de práticas consideradas ideais para as mulheres, nos anos de 1950 (esposa, filhas, mães, avó, cuidadora...). A vestimenta delas é legitimadora dessa representação do feminino delicado, como as flores. As guerrilheiras Vilma Espín, Melba Hernández e Celia Sánchez Manduley são representadas como exemplos de uma feminilidade vinculadas a delicadeza, o cuidado, a simpatia... Somente a Celia é citada em uma imagem da guerrilha (figura 5).

**Figura 7:** Símbolos de feminilidade revolucionária – Vilma, Melba e Celia



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 338, 387, 397.

As imagens do livro didático silenciam a atuação das mulheres, na guerrilha e na construção do Movimento 26 de Julho. No ano de 1958, das treze pessoas citadas como membros da direção nacional do Movimento 26 de Julho três são mulheres, isso significa que 23% dos cargos diretivos do movimento pertenciam a representantes do sexo feminino, e segundo afirmações de Yolanda Ferrer (2002), das seis províncias cubanas da década de 1950, três delas (Matanzas, Oriente e Villas) tiveram mulheres como coordenadoras provinciais do Movimento 26 de Julho, o que significa 50% das coordenações provinciais foram ocupadas por mulheres (Ferrer, 2002). Contudo, em 1975, durante o primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano, estavam somente cinco mulheres entre cento e vinte homens na direção do PCC (Partido Comunista Cubano) (Bohemia, 1975). O que significa que a representação de mulheres em espaços de poder dentro do processo da Revolução Cubana foi maior durante a luta armada. O fim da guerra fez com que o Estado retirasse as mulheres do poder de decisão, conforme se verifica no ano de 1975.

Em setembro 1958 foi estabelecido o *Pelotón Mariana Grajales*, porém, as mulheres já participavam do movimento desde 1953 (Pagés, 1991; 2005). A heroína nacional e que deu nome ao pelotão feminino da *Sierra Maestra* é uma construção simbólica que reafirma a maternidade e detrimento da guerreira. Portanto, embora a figura da guerreira, ou seja, a soldado combatente, esteja presente na construção das narrativas da história nacional de Cuba, ela permanece uma contradição dentre de um espaço identificador e construtor de ideais de masculinidade, o combate e o uso de armas (Schactae, 2016).



**Figura 8:** Mulheres

Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 262

A primeira imagem de mulheres, na narrativa sobre a Revolução Cubana, é de Haydée Santamaría e Melba Hernández (figura 8). As duas atuaram no planejamento e execução ao ataque ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953. Na legenda da imagem delas, constam apenas os nomes. Consultando uma publicação do Estado Cubano, o jornal *Granma* (Garcia, 2014), identifica-se que a fotografia foi produzida na prisão, em Santiago de Cuba, todavia o título da matéria é significativo para a representação do ideal de feminino revolucionário: *Haydée y Melba, flores sin miedo* (Garcia, 2014). O silêncio, na legenda, sobre a atuação delas na ação de invasão ao quartel é uma forma de ocultar as imagens das mulheres guerrilheiras. Embora tenham participado da luta armada, nos anos de 1950, elas não são representadas como guerrilheiras. As fotos selecionadas, as apresentam usando vestimentas comuns de um ideal de feminilidade, que exclui as mulheres do espaço da guerra e as vincula ao espaço doméstico. O material didático as apresenta com vestimentas de moças discretas e avós felizes. As mulheres são as flores da revolução e os homens são os guerrilheiros.

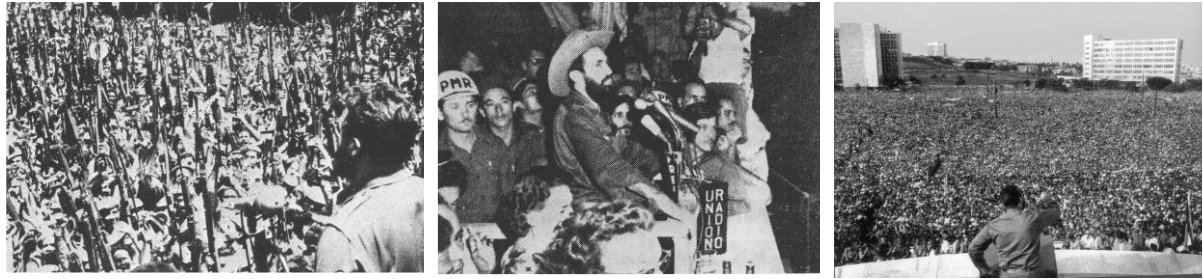
A guerrilheira Vilma Espín (figura 7, a mulher à esquerda), aparece em uma imagem que representa uma esposa, mãe e vó feliz. Usando um penteado impecável, brincos e uma roupa

identificadora de feminilidade tradicional, com uma legenda que apenas cita o nome dela (Callejas Opisso, 2011, p. 338). A outra imagem (figura 7), no centro, novamente a guerrilheira foi apresentada com uma imagem de uma avó feliz. Melba Hernandez, que atuou e foi presa no ataque ao Quartel Moncada, aparece com vestimenta identificadora do feminino bem comportado, composto por brincos, óculos, uma vestimenta discreta e cabelos grisalhos. As duas guerrilheiras, que participaram do conflito armado, de 1953 até 1959, figuram nas imagens como duas avós felizes e bondosas. Outra característica significativa que constitui o feminino, é uma tendência em representar as mulheres paradas (sorrindo, observado os homens, olhado para a câmera), enquanto as imagens dos homens, existe um predomínio deles em situações de ações em espaços públicos (guerra, trabalho, discursando, escrevendo). Uma construção histórica, presente na cultura Ocidental, que define o homem como ativo e a mulher como passiva. Portanto, as representações do corpo feminino e do corpo masculino definem uma ordem generificada que constitui uma narrativa sobre a Revolução Cubana, no livro didático.

Esses modelos de feminilidade e de masculinidade constituem as imagens da Revolução Cubana, em Cuba, no século XXI. Esse acontecimento que marcou o século XX e exportou um ideal de masculinidade para a América Latina, ao mesmo tempo estabeleceu um silêncio, dentro do possível, sobre as mulheres guerrilheiras, é uma construção reveladora de uma herança cultural, de longa duração, que constitui as identificações de gênero, no Ocidente. A representação do feminino é caracterizada pela passividade, a delicadeza e o auxílio, com exceção a imagem da Celia Sánchez (figura 5) e da guerrilheira anônima (figura 6), as quais estão entre os guerrilheiros.

Os homens além de dominarem as imagens, em vinte e duas (22) imagens eles figuram em alguma atividade, com o predomínio de temas vinculados ao combate e discursando. Fidel Castro (figuras 9, 5 e 3), Camilo Cienfuegos (figura 9, imagem do centro) e Raul Castro (figura 6, imagem da esquerda) aparecem como guerrilheiros discursando para o povo. Representação que reafirma a guerra e a política como domínio masculino. A palavra pública é negada as mulheres nas imagens do livro didático, um indício que reafirma as reflexões de Michele Perrot (2005), pois para a ela historicamente a política, a guerra e a palavra pública são práticas percebidas e representadas como pertencentes aos homens.

**Figura 9:** Guerrilheiros discursam para o povo



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 353, 325, 341.

Os homens que representam o modelo de masculinidade da Revolução, considerando o número de imagens, são: em primeiro lugar Fidel Castro; em seguida estão Camilo Cienfuegos, Ernesto Che Guevara e Raul Castro. Todos figuram em mais de uma imagem, um indicativo de que eles representam o ideal revolucionário.

Para Matías Alderete (2013), a construção do homem novo, pela Revolução Cubana, é constituída pela “masculinidade revolucionária”, (Alderete, 2013, p. 3) e marcada pela homofobia. Prevalece em Cuba o modelo do macho, porém, “*un macho no es homosexual ni heterosexual per se, sino la continua muestra de valores masculinos: ser violento y agresivo, hablar y actuar en forma vulgar y penetrar en la relación sexual*” (Alderete, 2013, p. 6). Para a Revolução o contra-revolucionário é o *maricon*, isto é, aquele que é penetrado e apresenta comportamento percebido como feminino (Alderete, 2013, p. 6-7).

Orientando-se por um modelo de cubania constituído por um ideal de macho revolucionário, a Revolução Cubana é um movimento paradoxal, pois ao mesmo tempo que se propõem estabelecer uma ruptura na ordem estabelecida político-econômico-social, ela também ressignificou um ideal de masculinidade caracterizado pela virilidade. Um ideal orientado pela força, coragem, bravura e o poder das armas, o qual foi construído no século XIX (Audoin-Rouzeau, 2013), mas orienta a construção da masculinidade em Cuba, em meados do século XX.

As imagens do manual didático apresentam um ideal de masculinidade hegemônica da Revolução Cubana. Um modelo masculino viril, que representam os construtores da Revolução Cubana, o qual é revelado pelo conjunto de imagem com predomínio de rostos de homens e constitui a masculinidade hegemônica revolucionária. Ela percebida nos seguintes elementos

do poder simbólicos masculino: as armas, a vestimenta verde oliva, a barba, o charuto, a coragem, a força, o combate armado e o discurso para o povo. O homem ideal e os líderes do povo cubano incorporam esse ideal, revelado nas imagens.

O homem trabalhador é também uma encarnação da masculinidade hegemônica revolucionária e é representado pela imagem de Ernesto Che Guevara, um dos heróis da Revolução.

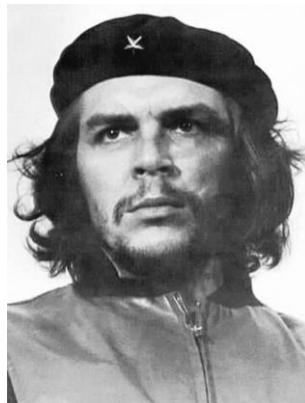
**Figura 10:** Che trabalhando



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 382

Fechando o livro, a última imagem é um símbolo da Revolução Cubana de um ideal de masculinidade. A famosa fotografia de Che Guevara, construída por Alberto Korda, a qual ficou conhecida mundialmente e reafirma a masculinidade hegemônica construída pela Revolução Cubana. Após a morte de Che Guevara, em 1967, ele se torna um símbolo da Revolução e um exemplo da masculinidade hegemônica estabelecida pelo movimento revolucionário, nos anos de 1950 e 1960. Portanto, os anos de 1970, em Cuba, as ações do Estado foram influenciadas por esse ideal revolucionário masculino, conforme indica Abel Sierra Madero (2006).

**Figura 11:** Uma representação do guerrilheiro



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 455.

O ideal de masculinidade construído no processo da Revolução Cubana e presente na historiografia publicada pelo Conselho de Estado em Cuba. Entre os primeiros escritos sobre a Revolução Cubana, destacam-se os textos do médico, Ernesto Guevara, que no processo revolucionário se tornou um guerrilheiro e assumiu o nome de Ernesto Che Guevara. Os seus textos: “Uma história da Revolução Cubana”, publicado na Revista Cruzeiro, no Brasil, em 1959 (Guevara, 1959); e “O socialismo e o homem em Cuba”, publicado em 1965, no Uruguai (Guevara, 1965), são marcos significativos na definição da Revolução Cubana como masculina e na projeção internacional desse acontecimento que marca a história política do século XX. Nos dois textos o autor destaca a luta armada e os líderes homens como centrais na construção o projeto político revolucionário em Cuba. Portanto, as armas, os homens e a guerra representam o núcleo central para compreender o processo revolucionário e da vitória dos rebeldes. Portanto, considerando Michele Perrot (2005, p. 33), as imagens do livro didático cubano apresentam uma narrativa da história tradicional, com foco nos homens, na política e na guerra.

## Conclusão

Esta construção de masculinidade representativa da Revolução Cubana, fortalecida nos anos de 1960, ainda orientam a escolha das imagens que constituem o manual didático destinado as jovens e aos jovens cubanos. Portanto, mesmo com os avanços na historiografia, observa-se uma tendência à manutenção de uma narrativa da guerrilha como constituída por um grupo de homens que liderou o povo na Revolução Cubana. As imagens, apresentam indícios significativos de silenciamento das mulheres como construtoras do processo histórico, especialmente a identificação delas como parte da guerrilha.

As fotografias da guerrilha, do Exército Rebelde, das Milicias Nacionais, de Fidel Castro, Camilo Cienfuego, Raul Castro e Ernesto Che Guevara constituem uma representação da Revolução Cubana, caracterizada pela hegemonia das armas e das vestimentas militares. Ao longo dos dois capítulos são dezenove (19) fotografias de pessoas usando vestimentas militares, entre as quais dez (10) são de Fidel Castro, usando uniforme. É um número significativo, considerando que são trinta e oito (38) imagens de homens.

O livro didático constrói uma representação da Revolução Cubana que tende a orientar práticas e identidades, bem como, direcionar a construção dos espaços sociais, com base em uma construção social que define o viril e o masculino como dominantes e construtores da história. As mulheres seguem nas margens. A virilidade feminina é retirada das representações do feminino. A representação da Revolução é a legitimação do estabelecimento de uma ordem masculina, viril, heterossexual, branca e militar, como responsável pela história e pela política.

Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, foram constituídos em encarnações do homem novo do socialismo cubano. A última imagem do livro didático é significativa para a representação da masculinidade hegemônica constituída pela Revolução Cubana. Um poder simbólico, presente nas imagens da Revolução, o qual constitui memórias de jovens sobre o passado de Cuba. Porém, as imagens de mulheres na guerrilha, mesmo silenciadas, são uma contradição e uma ruptura o ideal de feminilidade no Ocidente, nos anos de 1950. Mesmo silenciadas, nas imagens do livro didático, elas mulheres participaram com combatentes do Exército Rebelde e como coordenadoras do Movimento 26 de Julho, portanto romperam com o domínio de homens no processo histórico cubano, de meados do século XX. Todavia, ainda no século XXI, existe uma tendência de construir uma representação da Revolução Cubana, como um espaço constituído por guerrilheiros viris, cuja masculinidade hegemônica é representada pela vestimenta militar, as armas, a barba, a boina, o charuto, o poder da fala, a coragem, a força e o combate.

## Referências

ALDERETE, Matías. Masculinidad revolucionaria: la represión de maricones y la construcción del hombre nuevo en Cuba posrevolucionaria. **X Jornadas de Sociología**. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-038/147>.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade** – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 239-268, 2013.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. (Coleção Revoluções do Século 20).

BOHEMIA. **Revista Bohemia**, n. 53, ano 67, Havana, Cuba, 1975.

BONINO, Luis. Masculinidad hegemônica e identidade masculina. **Dossiers feministes - Masculinitats: mites, de/construccions y mascarades**, n. 67, 2002, p. 07-36.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALLEJAS OPISSO, Susana [et.all] **História de Cuba, nível medio superior**. La Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2011. Disponível em: <https://www.mined.gob.cu/>. Acesso em: 15 de abril 2024.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, 11 (5), p. 173-191, 1991.

CHASE, Michelle; COSSE, Isabella. Revolutionary Positions: Sexuality and Gender in Cuba and Beyond. **Radical History Review**, n. 136, p. 1- 10, January 2020. Disponível em: DOI 10.1215/01636545-785721 . Acesso em: 23 jun. 2022.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.

CONNELL, R. W. **La organización social de la masculinidad**. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (eds). **Masculidad/es: Poder y Crisis**. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, 1997, p. 31-48. Disponível em: <[http://www.pasa.cl/biblioteca/La\\_Organizacion\\_Social\\_de\\_la\\_Masculinidad\\_Connel,\\_Robert.pdf](http://www.pasa.cl/biblioteca/La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connel,_Robert.pdf)>. Acesso em: 15/01/2009.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**. V. 20 n.º 2, 2005, p. 185-206.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**. Vol.19, 2005, <http://gas.sagepub.com>, CAPES acesso 27 de maio de 2009.

CONNELL, R. MESSERSCHMIDT, JAMES W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.21, vol.1: 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

CORBIN, Alain (org.). **História da virilidade**: O triunfo da virilidade – século XIX. Tradução: João Batista Kreuch; Noeli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-12.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERRER, Yolanda. **La mujer en la Revolucion, las concepciones de Vilma, los analisis teóricos de la FMC sobre igualdad de género**. Cuba, 27 de maio de 2002. Conferência. Arquivo FMC, Havana, (mimeo).

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCIA, Pedro. Haydée e Melba, flores sin miedo. In: **Granma**, 20 de julio de 2014. Disponível em: <https://www.granma.cu/cuba/2014-07-20/haydee-y-melba-flores-sin-miedo>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas**. Companhia das Letras, SP. 1987.

GUEVARA, Ernesto Che. **Una historia de la revolucion cubana**, Revista O Cruzeiro, 1959. Disponível em: Web del Centro Estudios “Miguel Enríquez”, CEME, <http://www.archivo-chile.com>. Acesso em: 05 de janeiro de 2018.



GUEVARA, Ernesto. **O socialismo e o homem em Cuba**. Semanário Marcha, Montevideo, Março de 1965. Disponível em: <[www.marxists.org](http://www.marxists.org)>. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. Tradução: Alba Zahuar. **Religião e Sociedade**, n. 6, p. 99-128, 1980.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. **A Revolução Cubana**: propostas, cenários e alternativas. Maringá: Eduem, 2012.

LÓPEZ, Francisca; LOYOLA, Oscar; SILVA, Arnaldo. **Cuba y su historia**. La Habana: Editorial Felix Varela, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, v. 1, n. 2, p.73-98, 1996.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. Presentación. In: CALLEJAS OPISSO, Susana [et.all] **História de Cuba, nível medio superior**. La Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2011. Disponível em: <https://www.mined.gob.cu/>. Acesso em: 15 de abril 2024.

MOREIRA, R.; SCHAETAE, A.; SOTO, I. Sónõra. Entre guerrilleras, soldados y policias: lo femenino en instituciones armadas de Cuba y de Brasil. In: MARTINS; A.; GUEVARA, M. **Políticas de Gênero na América Latina**: aproximações, diálogos e desafios, Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 141-170.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como indício da cultura escolar. **História da Educação** (Online). Porto Alegre v. 20 n. 50, set./dez., p. 119-138, 2016.

NORMAN ACOSTA, Heberto. **La palabra empeñada**. Oficina de Publicaciones del Cosejo de Estado: La Habana, 2005.

OLIVEIRA, Itamar Freitas; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à

brasileira, **Espaço Pedagógico**, v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 223-234, jul./dez. 2014. Disponível em: <[www.upf.br/seer/index.php/rep](http://www.upf.br/seer/index.php/rep)>.

PAGÉS, Julio Cesar G. **Género y Masculinidad en Cuba**: El outro lado de una historia? Revista Nueva Antropología, n. 61, 2002, p. 117-126. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/159/15906106.pdf>>. Acesso em: 18 de junho de 2017.

PAGÉS, Julio César Gonzalez. **Em busca de un espacio**: Historia de mujeres em Cuba. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2005.

PAGÉS, Julio César Gonzalez. **La Republica Femenina**: Organizaciones Revolucionarias de Mujeres 1952-1958. Universidade de Havana: Havana, 1991.

PEREIRA, Igor M. Mambisas, feminismo e a identidade nacional feminina urbana. **Epígrafe**, vol. 1, n. 1, 35-5, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v1i1p35-5>.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PORTO, Ana Luiza Araujo. **Livros didáticos de História**: uma história comparada entre Brasil e Cuba (2013-2015). Tese apresentada no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2019.

RAMOS, Lucrecia Estives. **El apoyo de la mujer santiaguera a la lucha contra a tirania de Batista de 1952-1958**. Trabalho de graduação. Universidad do Oriente, Faculdade de Filosofia e Historia: Santiago de Cuba, 1984.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: MARTINS, Estêvão; Schmidt, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010, p. 109-127.

SCHACTAE, Andréa M. “Mulheres Guerreiras” e o(s) feminino(s) nas instituições armadas na América Latina. **Dimensões**, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 82-101.

SCHACTAE, Andréa M. “Mulheres guerreiras”: mulheres na guerrilha cubana e a construção da heroína Celia Sánchez. In: MOREIRA, Rosemeri; SCHACTAE, Andréa M. (org.). **Gênero e instituições armadas**. Guarapuava/PR: UNICENTRO, 2016, p. 189-215.

SCHACTAE, Andréa M. A Revolução Cubana: representações generificas em um livro didático de História. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 6, out-dez, p. 74-92, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1251>>

SCHACTAE, Andréa M. Mujeres guerreras y lo(s) femenino(s) em las instituciones armadas em Cuba y em el Brasil en los años de 1970 y 1980: relatos de uma experiencia de permuta (MÊS/Cuba) y reflexiones acerca de los femeninos. In: ARIAS GUEVARA, M.; TORRALBAS FERNÁNDEZ, A. PUPO VEGA, A. (Org.) **Rompiendo Silencios**. La Habana: Editorial Mujer, 2013, p. 343-358.

SCHACTAE, Andréa M. O herói Che: gênero, fotografia e revolução cubana. **Anos 90**, [S. l.], v. 29, p. 1–20, 2022. DOI: 10.22456/1983-201X.117426. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/117426> . Acesso em: 6 maio 2024.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise história. **Educação e Realidade**, n. 20, vol. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan W. Prefácio a Gender and Politics of History, **Cadernos Pagu**, nº 3, 1994, p. 11-27.

SIERRA MADERO, Abel. **Del otro lado del espejo**: La sexualidad en la construcción de la nación cubana. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 2006.

STONER, K. Lynn. Militant heroines and the consecration of the patriarchal state: the glorification of loyalty, combat, and national suicide in the making of Cuban National Identity. **Cuban Studies**, v. 34, 2003, p. 71-96. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/52439> . Acesso em: 20 dez. 2010.

STANCIK, Marco A. Gloriosa conquista ou cruel destruição? A Grande Guerra (1914-1918) representada em cartões-postais alemães e franceses. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 49-62, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5570> . Acesso em: 8 nov. 2020.

STANCIK, Marco A. Lina Cavaliere, musa da Belle Époque: representações da feminilidade em cartões-postais. **História**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 445-469, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-436920140002000021> . Acesso em: 8 nov. 2020.

SUÁREZ PÉREZ, Eugenio; CANER ROMÁN, Acela. **Fidel**: de cinco Palmas a Santiago. Casa Editorial Verde Olivo: La Habana, 2006.

VOLO, Lorraine Bayard de. **Women and the Cuban Insurrection**: How Gender Shaped Castro's Victory. New York: Cambridge University Press, 2018.

Recebido em 2024-05-31

Aprovado em 2024-06-11

Publicado em 2024- 07 -15